

Cinema Novo: revelação da identidade brasileira, mas para quais brasileiros?

Dariana Nogueira de Abreu*
Suellen Cristine Isidoro Ribeiro**

Resumo: Com este tema pretendemos trabalhar a relação dos objetivos apriorísticos do movimento do Cinema Novo na década de 60 (cinema como fonte de informação e revelação da identidade nacional), com os verdadeiros resultados obtidos (repercussão na sociedade), tendo como principal obra de representação da temática, o filme Terra em transe, de Glauber Rocha, pelo seu caráter instigante e perturbador, especialmente no aspecto político, que será analisado sob uma perspectiva que envolve a estética da recepção, com a tentativa de mostrar de que forma o movimento impactou a vida das pessoas, e quais os efeitos históricos que produziu no âmbito cultural. O trabalho visa ainda, ressaltar as relações do Cinema Novo com o cinema nacional atual, observando suas contribuições no que diz respeito ao uso do cinema como fonte de informação, conscientização e despertar crítico, auxiliando nas práticas de ensino como recurso pedagógico.

Palavras-chave: Cinema Novo. Cultura. Ensino.

Abstract: With this subject we intent to work the relation of the first objectives of the movement Cinema Novo of the sixties (cinema as a source of information and revelation of national identity), with the actual results gotten (repercussion in the society), having as the main representative thematic, the movie Terra em Transe, of Glauber Rocha, for its character inciting and disturbing, specially on the political aspect, which will be analyzed under a perspective that evolves an esthetics of the reception, trying to show in which way the movement impacted people's lives and which historical effects it produced on the cultural ambit. The article also intents to show the relations between the movement Cinema Novo and the current national cinema, observing their contributions in the use of cinema as a source of information, awareness and critical awake, helping on the practices of education as a pedagogical resource.

Key words: Cinema Novo. Culture. Education.

*Estudante da graduação - Licenciatura em História
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar.
E-mail: dariabreu@gmail.com

** Estudante da graduação - Licenciatura em História
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar.
E-mail: suellenisidoro@gmail.com

O movimento

“Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”, essa era a simples proposta do grande movimento cinematográfico surgido no Brasil entre os anos 50 e 60, denominado **Cinema Novo**.

Mas o que de fato isso queria dizer?

Naquela época, influenciado pelo cinema estrangeiro, especialmente o norte-americano, que girava em torno das chanchadas e das produções hollywoodianas, a produção cinematográfica nacional não possuía uma identidade própria bem definida, já que era uma espécie de cópia do estilo estrangeiro, que não se chocava em nada com a realidade brasileira da época.

Assim **Glauber Rocha**, com mais alguns amigos estudantes do cinema, interessados especialmente pelos movimentos europeus como a *novelle vague* francesa e o *neo-realismo* italiano, iniciam o movimento do Cinema Novo, que coloca o cinema como um meio não apenas de entretenimento ou geração de lucro, mas como uma forma de alertar, informar e divulgar problemas sociais, despertando a curiosidade sobre as massas, além de revelar uma identidade nacional, uma cultura própria a essas classes populares.

Apesar da idéia demonstrada inicialmente parecer simples, o Cinema Novo propunha algo complexo: resgatar e divulgar a cultura nacional, valorizar o que era brasileiro. Renovando, linguagem, conceitos; rompendo com tudo que já tinha sido apresentado e tentando despertar a população de sua inércia cultural e política.

Terra em transe

O filme **Terra em transe** produzido por Glauber Rocha em 1967, é uma obra que representa bem a temática desse artigo, justamente por explicitar esses objetivos de conscientização do movimento do Cinema Novo.

Em *Terra em transe*, Glauber deixa clara a sua opinião sobre o povo no que diz respeito ao seu papel na política. Mas será que apenas a intenção do autor justifica a caracterização de uma obra como política?

Seguindo a linha de pensamento de Wolfgang Iser e sua teoria da estética da recepção, e analisando uma das entrevistas do crítico e ensaísta Jean-Claude Bernardet, podemos dizer que apesar desse conteúdo político que predomina no filme, só é possível identificar uma obra como de fato “política”, a partir de sua repercussão social, ou seja, a partir do impacto que ela causa no público.

Considerando que um dos objetivos do movimento do Cinema Novo era despertar nos espectadores o seu olhar crítico e sua consciência sobre os problemas do país, a questão que se coloca é até que ponto o filme *Terra em Transe* pôde influenciar seu público? E que público foi esse? Será que o filme foi visto pelas massas, as quais se dirigiam as críticas presentes em sua temática?

Pode-se dizer que não, ou melhor, talvez não diretamente. *Terra em transe* não foi um sucesso de bilheteria popular, sua repercussão foi muito maior entre as elites intelectuais, dando bases, inclusive, para o desencadeamento de novos movimentos e tendências culturais oriundos dessa classe.

Nessa perspectiva podemos dizer que *Terra em transe* impactou sim, consideravelmente a sociedade da época, gerando mecanismos para a emergência de outros movimentos nascidos de uma elite intelectual de esquerda influenciada pelas idéias do filme.

Dentre essa série de idéias, pensamentos, projetos culturais que circulavam na época, é muito fácil perceber a influência de Terra em transe, e de outras obras de Glauber no Movimento Tropicalista, da década de 60, por exemplo.

Há afirmações e indícios em falas do próprio Caetano Veloso, líder do movimento, em 1968:

“Portanto, quando o poeta de Terra em transe decretou a falência da crença nas energias libertadoras do ‘povo’, eu, na platéia vi, não o fim das possibilidades, mas o anúncio de novas tarefas para mim” (VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 116.)

É nessa hora que percebemos a importância dessa relação obra e público, já que só conseguimos estabelecer a historicidade e a relevância de uma obra, a partir do contexto social em que está inserida e da recepção de seu público.

Terra em transe é muito marcada por essa influência que causou na difusão do movimento Tropicalista, mostrando seu impacto sobre o espectador. Mas é mais interessante ainda, ressaltar a forma como, mais tarde conseguimos perceber e entender alguns aspectos do filme, que passariam despercebidos, ou com outro sentido se o Tropicalismo não tivesse existido, como a captação da riqueza da trilha sonora do filme, ou a forma peculiar da composição das imagens, dentre outros aspectos.

Ou seja, é uma via de mão dupla.

Nos dias de hoje

O Cinema Novo foi um movimento de extrema importância no que diz respeito à afirmação da cultura brasileira, principalmente pelo legado que deixou, possibilitando hoje a utilização desse universo audiovisual como fonte de pesquisa histórica, e especialmente como recurso pedagógico, dando margem ao despertar crítico dos indivíduos, que passam a entender cinema como um meio de comunicação, educação e conscientização, de fato, e não apenas entretenimento.

A riqueza cultural presente nos filmes, não só nos de Glauber, mas nos de Nelson Pereira, Carlos Diegues, Ruy Guerra, entre outros, dá as bases para que o cinema atual se configure como meio de produção e difusão cultural, mesmo depois do fim do movimento. Não se trata apenas de passado histórico. O Cinema Novo foi de fato um marco na história cinematográfica nacional, perpetuando seus traços inovadores, e suas idéias até as gerações atuais, como por exemplo, o conceituado diretor brasileiro Walter Salles, que não nega a influência do Cinema Novo em seu filme *Central do Brasil*, especialmente da obra cinematográfica “*Vidas Secas*” do cinemanovista Nelson Pereira.

Toda essa relevância histórica presente no movimento do Cinema Novo, traduz-se com exatidão nas estrofes da música tropicalista, composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil, nomeada homonimamente ao movimento. Vale a pena a longa citação:

*O filme quis dizer: "Eu sou o samba"
"A voz do morro" rasgou a tela do cinema
E começaram a se configurar
Visões das coisas grandes e pequenas
Que nos formaram e estão a nos formar
Todas e muitas: "Deus e o diabo", "Vidas secas", "Os fuzis", "Os Cafajestes", "O padre e a moça",
"A grande feira", "O desafio"
Outras conversas, outras conversas sobre os jeitos do Brasil.*

*A bossa-nova passou na prova
Nos salvou na dimensão da eternidade
Porém aqui embaixo "a vida", mera "metade de nada"
Nem morria nem enfrentava o problema
Pedia soluções e explicações
E foi por isso que as imagens do país desse cinema
Entraram nas palavras das canções*

*Primeiro, foram aquelas que explicavam
E a música parava pra pensar
Mas era tão bonito que parasse
Que a gente nem queria reclamar.*

*Depois, foram as imagens que assombravam
E outras palavras já queriam se cantar
De ordem, de desordem, de loucura
De alma à meia-noite e de indústria
E a terra entrou em transe
No sertão de Ipanema
Em transe no mar de Monte Santo
E a luz do nosso canto, e as vozes do poema
Necessitaram transformar-se tanto
Que o samba quis dizer: "eu sou cinema"
O samba quis dizer: "Eu sou cinema"*

*Aí "O anjo nasceu"
Veio "O bandido", "Meteorango"
"Hitler, terceiro mundo"
"Sem essa aranha", "Fome de amor"
E o filme disse: "eu quero ser poema"
Ou mais: "quero ser filme e filme-filme"
"Acossado" no "limite" da "Garganta do diabo"
Voltar à Atlântida e ultrapassar "O eclipse"
Matar o ovo e ver a Vera Cruz*

*E o samba agora diz: eu sou a luz
Da "Lira do delírio", da alforria de "Xica"
De "Toda a nudez" de "Índia"
De "Flor" de Macabéia, de "Asa branca"
Meu nome é "Stelinha", é "Inocência"
Meu nome é Orson Antonio Vieira Conselheiro de "Pixote"
"Super Outro"
Quero ser velho, de novo eterno,
Quero ser novo de novo
Quero ser "Ganga bruta" e clara gema
Eu sou o samba, viva o cinema
Viva o cinema novo!*

(Cinema Novo. Caetano Veloso & Gilberto Gil em Tropicália 2 -1993)

Bibliografia

Livros:

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

VENTURA, Tereza. *A Poética Política de Glauber Rocha*. Rio de Janeiro: Funarte, 2000

Artigos:

SIMONARD, Pedro. *Origens do Cinema Novo: A Cultura política dos anos 50 até 1964*.

RAMOS, Alcides Freire. *Terra em transe (1967, Glauber Rocha): Estética da Recepção e novas perspectivas de interpretação*.

NAPOLITANO, Marcos e VILLAÇA, Mariana Martins. *Tropicalismo: as relíquias do Brasil em debate*.

CALLIARI, Cibele. *Cinema Novo, cinema engajado (segundo capítulo da monografia *Central do Brasil: o Novo Cinema e o Resgate do Cinema Novo*)*.

Entrevista:

BERNADET, Jean-Claude. *Realizada em Julho de 2003, para a revista Margem Esquerda, por Afrânio Catani e outros*.

Sites:

Glauber Rocha:

www.tempoglauber.com.br

Tropicalismo:

tropicalia.uol.com.br